

VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo
III Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
I Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo

Mercados Contestados – As novas fronteiras da moral, da ética, da religião e da lei

24, 25 e 26 de setembro de 2014

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio)

Consumo Sustentável nas Classes Populares

Helena Dantas Waquil¹

Marcelo Jacques Fonseca²

Rodrigo Bisognin Castilhos³

Resumo

A sustentabilidade se constitui de forma cada vez mais presente como um macrodiscurso social que perpassa governos, empresas e sociedade civil. Particularmente nesta última, o cidadão-consumidor passa a ser responsabilizado individualmente pelo destino do planeta, porém suas práticas podem também ocorrer de forma tácita em determinados segmentos populares da sociedade como parte de seu modo de vida. Como, então, consumidores de classes populares se engajam em práticas de consumo sustentáveis e quais seus significados? Por meio de um estudo qualitativo interpretativista junto a cinco comunidades brasileiras da cidade de Porto Alegre e região metropolitana, foram analisados hábitos cotidianos à luz da classificação de Dobscha, Prothero e McDonagh (2009), que propõem seis categorias de práticas associadas ao consumo sustentável: recusar, reduzir, reutilizar, consertar, redistribuir e reciclar. Ao longo de quatro meses foram realizadas visitas aos lares e entrevistas em profundidade junto a moradores e líderes comunitários. Os resultados apontam para a existência de um conjunto de práticas cotidianas de consumo sustentável associadas a cada uma das seis categorias da pirâmide invertida da sustentabilidade. Ainda foi possível identificar duas outras categorias presentes no dia a dia das comunidades: o compartilhamento no entorno social e a multiplicação dos hábitos. De modo geral, as práticas se mostram independentes do discurso normativo da sustentabilidade e estão inseridas de forma orgânica e natural no cotidiano e na dinâmica social das diferentes comunidades pesquisadas. A principal contribuição desse estudo reside na compreensão de práticas sustentáveis independente da visão normativa imposta pelos macrodiscursos.

Palavras-chave: consumo de classes populares; consumo sustentável; práticas cotidianas sustentáveis;

¹Mestre em Gestão e Negócios na Unisinos; helena_waquil@hotmail.com

²Doutor em Marketing, Prof. E Pesq. Do MPGN/Unisinos; mfonseca@unisinos.br

³Doutorando em Administração/Marketing no PPGA/UFRGS; rbcastilhos@gmail.com

1 – Introdução

A sustentabilidade permeia a vida de muitos cidadãos que atuam, consciente ou inconscientemente, no papel de consumidores dos recursos e produtos na sociedade. A preocupação com a escassez de recursos e seus impactos no futuro das próximas gerações é uma inquietação que nem sempre é vista na sua relação com as práticas de consumo sustentável. Este estudo se concentra no consumo sustentável, que se traduz nesta perspectiva do consumidor pela busca por consumir atendendo suas necessidades sem comprometer aquelas das gerações futuras.

Outro tema de crescente relevância nos estudos recentes é o consumo considerando as particularidades do comportamento de consumidores das classes de baixa renda, ou seja, a classe social tratada neste trabalho como “classes populares” (CASTILHOS, 2007), representadas pelas classes C, D e E, que em 2012 atingiram 54% da população brasileira (VALOR ECONÔMICO, 2013). O crescimento acelerado desta fatia da população no paradigma social dominante gera um inevitável aumento no consumo e, conseqüentemente, um aumento no interesse e na curiosidade das empresas e instituições sobre como atingir este público emergente com seus produtos e serviços. Essa massa populacional de grande representatividade tem potencial de gerar impactos ambientais maiores em relação ao pequeno grupo de pessoas que compõem as classes A e B. Contudo, isso não significa que esse público deva reduzir seu consumo justamente agora que está com renda ascendente. Assim, este estudo se propõe a compreender os espaços e os obstáculos para um consumo mais sustentável nas classes populares. Para tanto, cinco comunidades foram estudadas por meio do emprego combinado de entrevistas qualitativas e observações por um período de quatro meses.

Alguns trabalhos buscam entender os hábitos de vida e consumo desta classe social brasileira (CASTILHOS, 2007; CASTILHOS; GORGE, 2014; BARROS, 2007; MATOSO, 2005). No entanto, ainda há escassez de estudos que se concentrem especificamente na pesquisa do consumidor de classes populares em relação às práticas sustentáveis de consumo. O foco deste estudo surge para atender a esta lacuna, pesquisando o consumidor de classes populares com as lentes das práticas cotidianas de consumo e buscando entender o nível de sustentabilidade presente em seus hábitos de consumo. Este tema do consumo sustentável nas classes populares é de interesse tanto público como privado, pois a investigação dos hábitos e práticas deste grupo de consumidores pode auxiliar para que o governo e as empresas repensem e adaptem seus programas e produtos para melhor atender às necessidades destes consumidores.

2 – Embasamento teórico

É possível classificar uma prática de consumo a partir do viés de sustentabilidade que a rege e analisar sua relação com a contribuição gerada no interesse comum. Dobscha, Prothero e McDonagh (2009) propõem a

pirâmide invertida da sustentabilidade (TIPS) como alternativa para identificar os tipos de práticas de consumo sustentável, classificando-as pela lógica dos “6 R’s” da sustentabilidade: recusar (*refuse*), reduzir (*reduce*), reutilizar (*reuse*), consertar (*repair*), redistribuir (*redistribute*) e reciclar (*recycle*).

Os 6 R’s surgem como uma evolução que transforma os 3 R’s (reduzir, reutilizar e reciclar), antes representados por um triângulo com pesos iguais, agregando fatores e colocando pesos das diferentes intensidades de cada ação (DOBSCHA et al., 2009). A pirâmide foi escolhida para servir de ferramenta de análise das práticas de consumo sustentável, pois se trata de uma hierarquização das preferências comportamentais dos consumidores em relação à sustentabilidade de suas ações de consumo.

A base invertida da pirâmide inicia com as práticas de recusar e reduzir, que segundo os autores são menos comuns, pois é quando os consumidores repensam o papel do consumo nos seus hábitos diários em confronto com suas responsabilidades cívicas e ecológicas. É uma questão que surge antes do consumo em si e que coloca em dúvida a real necessidade de consumir (recusa) ou da quantidade/intensidade desse consumo (redução). A recusa ou o anticonsumo, de algum produto ou serviço, aporta significados poderosos do comportamento do consumidor, estando a escolha relacionada a diversos fatores (sustentáveis ou não) agregados ao longo de suas experiências e manipulações do produto (CONNOLLY e PROTHERO, 2003). As razões podem ser múltiplas e possuírem diferentes graus de consciência ou reconhecimento da parte do consumidor em recusar o consumo de um produto.

De acordo com Portwood-Stacer (2012) o comportamento anticonsumo pode advir de cinco fontes motivacionais: por razões pessoais, morais, sociais, ativistas ou de identidade. As práticas de anticonsumo são cheias de significado que vão além dos efeitos imediatamente materiais (PORTWOOD-STACER, 2012). Da mesma forma, a redução não necessariamente está atrelada a um fator consciente de consumo sustentável, mas muitas vezes pode estar relacionada à economia, ou seja, ao “fazer mais com menos” para um melhor aproveitamento dos recursos. Essas duas classificações (recusar e reduzir) são as práticas menos aderidas pelos consumidores (GER e FONSECA, 2012). Na pesquisa de Connolly e Prothero (2003), por exemplo, os participantes não associavam sua intensidade no nível de consumo com padrões de consumo sustentável e com a degradação do meio ambiente, e não cogitavam a recusa ou redução, apenas a escolha de práticas menor impacto ao meio ambiente.

O “R” de reutilizar é uma prática um pouco mais comum em termos de produtos e que seguidamente é fomentada na criatividade doméstica. Os consumidores estão encontrando estratégias diferentes para o reuso de produtos que não servem mais na função específica pela qual foram adquiridos. Já o reuso de recursos, como a água, ainda é muito incipiente no cotidiano dos consumidores, sobretudo em razão da viabilidade estrutural dos domicílios e ambientes. Descendo mais um degrau da pirâmide surge o conserto (*repair* em inglês) que *a priori* exige a consciência ambiental atrelada pra motivar o consumidor nesta prática, já que com o ganho em escala na

produção de alguns produtos, para a grande maioria dos consumidores pode compensar mais jogar fora o item e comprar um novo. Os preços da compra de novo produto eletrônico, por exemplo, não raramente são mais acessíveis do que seu conserto. Sendo assim, por conveniência e benefício econômico, estabeleceu-se o hábito cultural do descarte construído durante várias décadas na sociedade.

Por fim, na ponta da pirâmide estão as práticas de redistribuir, uma das práticas que mais se popularizou nos últimos tempos entre consumidores, e reciclar que é a mais popular e também a mais antiga. A aderência de consumidores na redistribuição tem sido viabilizada por canais virtuais de troca e venda de produtos. É como se fosse a modernização dos brechós na forma de sites de troca/redistribuição de itens entre consumidores que não usam mais um produto e aqueles que enxergam utilidade (por exemplo: *ebay*, *craigslist*, *freecycle*, *bomnegocio*, etc.). Dobscha, Prothero e McDonagh (2009) afirmam que muda a visão como consumidores enxergam o produto, não mais como lixo (por não servir mais, por não querer mais, por não precisar mais ou por não poder mais pagar), mas sim como uma “nova vida” para outro consumidor, seja por novo espaço, função, ou somente para fazer alguém feliz. E na última extremidade da pirâmide, a prática da reciclagem já está em alguns aspectos inclusive embasada por legislação. Esta prática envolve duas abordagens, de descarte de produtos para a reciclagem (separação do lixo e cadeia de reciclagem) e a compra de produtos elaborados com materiais reciclados. Em algumas pesquisas os consumidores mostram grande predisposição para a reciclagem e para o consumo de produtos sustentáveis, produtos “verdes” (CONNOLLY e PROTHERO, 2003).

Outro tema de crescente relevância nos estudos recentes é o consumo considerando as particularidades do comportamento de consumidores das classes de baixa renda, ou seja, a classe social tratada neste trabalho como “classes populares” (CASTILHOS, 2007). Os critérios que definem os limites para a classificação desta classe social são de difícil precisão, fazendo com que os intervalos variem conforme a fonte (i.e. IBGE, 2010; SAE, 2010; PNAD, 2009; DA SILVA et al., 2009; NERI, 2008). Neste estudo considera-se em linhas gerais o grupo populacional de classe média baixa (ou classes C e D), que teve crescimento expressivo em número e renda nos últimos dez anos (VALOR ECONÔMICO, 2013). A pesquisa da Datafolha (2011) mostrou que, de 2002 para 2010, 40 milhões de pessoas subiram das classes D e E para esta classe C, aumentando em 38% esse grupo populacional, enquanto a renda dos novos entrantes subiu 62% neste período.

3 – Metodologia

Esta pesquisa teve caráter qualitativo amparado em abordagem interpretativista com intuito de entender as práticas de consumo sustentáveis, exercidas pelo público de classes populares. De acordo com Levy (1981) o enfoque interpretativo possibilita ao pesquisador relacionar e compreender os dados ao invés de simplesmente aceitá-los. Godoi et al. (2006) também afirmam que os métodos qualitativos e interpretativos são preferíveis para a obtenção de conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo. A teoria interpretativista permite

analisar o significado do consumo dos produtos em relação à vida do usuário (ROCHA; ROCHA, 2007) e levou o pesquisador a entender os hábitos, sentimentos, experiências dos consumidores, bem como as percepções das práticas de consumo na sua relação com a sustentabilidade (CONNOLLY; PROTHERO, 2003).

Na orientação metodológica desta pesquisa não houve intenção de estudar uma população específica de um território físico, ou seja, de uma única região ou comunidade. Diferentes comunidades foram escolhidas no intuito de favorecer um olhar mais transversal sobre o objetivo de pesquisa no público foco de interesse. Para tanto, os participantes deste estudo exploratório foram informantes de cinco comunidades de baixa renda, três na cidade de Porto Alegre (Campo da Tuca, Morro da Cruz e Rubem Berta) e duas na região metropolitana de Porto Alegre (Mathias Velho, na cidade de Canoas e Esmeralda, na cidade de Viamão).

Devido ao grande número de comunidades com perfil de classes populares, o ponto crucial para a escolha das comunidades foi o acesso aos lares da população do local. Para uma integração rápida e intensa, foi fundamental entrar nas comunidades por meio de um informante-chave que tivesse fortes referências com alguma liderança na comunidade. Estes informantes-chave foram determinantes para o conhecimento da comunidade e no auxílio dos contatos iniciais para a construção de relacionamentos. Em seguida, uma vez que era obtida a abertura de alguns contatos, os próprios informantes convidavam a conhecer os lares e também indicavam outros informantes da comunidade para participar, normalmente vizinhos.

A coleta de dados em campo ocorreu ao longo de quatro meses, no período de maio a agosto de 2013, por meio de visitas nas cinco comunidades envolvidas citadas acima. O tempo de permanência em campo, bem como o número de entrevistas realizado em cada comunidade, foram definidos ao longo da pesquisa de acordo com as necessidades. As técnicas utilizadas para compreender e interpretar o público alvo da pesquisa foram entrevistas em profundidade e observação participante. Utilizou-se a técnica do diário de campo para registro de observações durante a imersão no contexto selecionado e melhor aproveitamento de todas as informações evidenciadas durante as visitas aos domicílios. Neste momento, o objetivo foi vivenciar o cotidiano como parte do grupo, investigar detalhes, captar informações culturais e realizar um relato de práticas sociais no foco da pesquisa (ROCHA; ROCHA, 2007).

Inicialmente, as entrevistas foram exploratórias com alguns participantes, para que fosse possível obter uma compreensão geral do contexto dos indivíduos e encontrar caminhos para a naturalidade buscada no diálogo. Evidentemente que grande parte desta abertura também foi facilitada por um contato-chave dentro da comunidade que potencializou a decorrência de uma relação de confiança entre pesquisador e pesquisado. Em seguida, ocorreu a expansão das entrevistas em profundidade nos lares, de forma aberta e informal, com o pesquisador conduzindo e direcionando o entrevistado a explorar os assuntos relevantes para esta pesquisa.

A partir das visitas foi possível obter-se 27 entrevistas, de 4 a 6 entrevistas por comunidade. O público entrevistado foi majoritariamente mulheres, normalmente mães que estavam cuidando dos filhos em casa

durante o dia ou aposentadas. As entrevistas nos lares tiveram um tempo médio de 50 minutos, mas também houve bastante variação de acordo com a receptividade da pessoa e da predisposição em participar da pesquisa. As entrevistas foram realizadas preferencialmente nos lares dos entrevistados para que houvesse maior amplitude dos valores relacionados ao diálogo. No entanto, algumas foram realizadas em ambientes das entidades, como o galpão de reciclagem, a associação ou a escola da comunidade, pela facilidade do acesso e por também se tratarem de locais importantes para o contexto da pesquisa.

As práticas foram separadas em seis macro-grupos que uniram os hábitos realizados no quintal das casas, no consumo cotidiano de recursos como água e luz, na interação com os vizinhos e senso coletivo da comunidade, nas ações de criatividade para transformar o lixo em valor e na prática da reciclagem; também foram segregados os relatos de práticas não sustentáveis. Todas as informações que sobraram foram identificadas como outros hábitos e valores presentes no contexto social, para que alguns fossem inseridos ao longo das discussões dos resultados e outros fossem descartados por não estarem diretamente relacionados ao tema da pesquisa.

4 – Resultados e Discussão

Em todas as comunidades estudadas a receptividade com que os entrevistados receberam o pesquisador dentro de suas casas foi um traço comum e surpreendente. Mesmo nas residências de estrutura mais carente os entrevistados reforçavam a preocupação em receber bem a “visita” para fazer com que esta se sentisse “em casa”. O café é um símbolo de acolhida, aproximação e sociabilidade utilizado na maioria das casas visitadas. Nessa primeira observação, já foi possível identificar este símbolo que reflete um comportamento ritualístico quando analisado dentro da metodologia interpretativista do significado do consumo deste produto em relação aos usuários (Rocha e Rocha, 2007). O café, por ser considerado um item caro, tem um valor forte e simbólico na interação entre as pessoas, já que eles só oferecem a quem eles querem agradar e a recusa é considerada quase como uma ofensa, um descaso. A expressão “tomar um café” significa, na verdade, bater um papo descontraído, e notou-se que este hábito facilita a abertura com os entrevistados, deixando-os mais à vontade para dialogar informalmente.

O ato de participar voluntariamente da pesquisa a pedido do contato-chave também decorre do costume de prestar “favores” às pessoas do seu círculo de confiança, normalmente sem esperar o retorno imediato. Esse hábito de confiança é comum nas diferentes comunidades e intrinsecamente eles sabem que as pessoas irão retribuir o “favor” naturalmente em outro momento com algum ato de ajuda no que precisarem. Essa relação de senso coletivo, embasada na confiança e na prestatividade foi evidenciada em diversas práticas de consumo que serão exploradas a seguir. No entanto, é importante ressaltar que não é um ato de solidariedade, mas sim de reciprocidade (SCHAFER et al, 2010; BARROS, 2007; CASTILHOS, 2007).

4.1 - Práticas de consumo sustentáveis: Pirâmide Invertida da Sustentabilidade

Nas comunidades visitadas, vivenciaram-se diferentes práticas de consumo sustentáveis que foram analisadas e interpretadas no contexto sócio-econômico em questão. Os resultados desta pesquisa apontam para a existência de um conjunto de práticas de consumo sustentáveis nas comunidades de classes populares, que podem ser associadas a cada uma das seis categorias de Dobscha, Prothero e McDonagh (2009), conforme a análise a seguir.

4.1.1 - Recusa

Durante as entrevistas, o tema que mais evidenciou a recusa no consumo foi o meio de transporte para locomoção. A grande maioria dos entrevistados não possui carro e se locomove a pé, de bicicleta ou com conduções de transporte público (ônibus, ou trem no caso da comunidade de Canoas). Eles caminham bastante dentro do bairro e são acostumados a andar e pedalar em suas rotinas de vida.

Como opção, as bicicletas são utilizadas não apenas para lazer, mas servem como condução para muitos, sobretudo para os homens e os mais novos que vão para colégio e trabalho com esse meio de mobilidade. Este valor que as bicicletas têm nas comunidades também acabou despertando uma motivação para roubos deste item, o que gera certa insegurança nas mães quando seus filhos menores saem sozinhos nas ruas de bicicleta.

Alguns atestam que caminham mais para economizar uma passagem de ônibus, quando precisam fazer conexões, mas recebem o auxílio transporte em dinheiro (comum no caso de empregadas domésticas e pedreiros, por exemplo), como conta Vanessa, de Viamão: “Eu prefiro ir andando até a outra parada, não é muito longe, às vezes chego antes do ônibus que ia ficar parada lá esperando... mas só nos dias de chuva que eu pego os dois, senão só um mesmo”.

Apesar de geralmente estar atrelado ao fator econômico, é notável que existe a recusa dos meios de transportes mais poluentes e um costume mais frequente de optar pela caminhada ou pedalada como meios de locomoção. Notou-se também que a noção de distância para deslocamentos a pé é diferente daqueles que costumam utilizar o carro, pois para os não motorizados atravessar diversas quadras a pé faz parte de suas rotinas e o “ir longe” é considerado apenas quando precisam utilizar alguma condução.

4.1.2 - Redução

A redução foi verificada principalmente nas práticas de evitar desperdícios, especialmente de alimentos e de recursos, como a água. No caso da energia a redução está mais atrelada ao fator econômico e, portanto possui maior volatilidade caso o cenário da classe social se altere. Porém, surpreendentemente, outras práticas de redução apareceram e não são determinadas exclusivamente pela motivação financeira, mas sim fazem parte do estilo de vida das comunidades e dos hábitos cotidianos dos consumidores de classes populares por princípios culturais.

Ao entrar nos lares, as primeiras evidências encontradas foram inúmeras roupas estendidas na frente das casas visitadas, em varais muitas vezes improvisados, inclusive dificultando o acesso à residência. O cenário se apresentava em diversas comunidades, sobretudo em dias de sol. É característica comum que as mulheres fiquem ao menos um turno em casa para cuidar dos filhos, enquanto os maridos estão trabalhando. Por esse motivo, muitos dos entrevistados estavam em casa durante o dia. Para passar o tempo, além de “tomar conta das crianças”, suas tarefas se resumem no cuidado do lar e envolvem dispêndio de água para limpeza da casa, das roupas e da louça.

A grande maioria das casas não possui máquina de lavar roupa e em nenhum lar foi encontrada máquina de lavar louça. Intrigantemente, mesmo quando possuem uma máquina de lavar, o equipamento quase não é utilizado, muitas vezes porque as usuárias acreditam que lavando a mão “no balde, de molho, limpa mais”, como argumenta Mariana, da comunidade Campo da Tuca. Nesses casos, essa prática da recusa do uso da máquina de lavar é um hábito sustentável (DOBSCHA et al., 2009), tanto na questão da energia como da água. Além disto, nas casas que não possuem a máquina de lavar, as tarefas são realizadas “à mão”, no caso das roupas em baldes.

No entanto, em todos os lares em que havia máquina de lavar seu uso era unânime para centrifugar as roupas, pois acelera a secagem. A preocupação com o tempo de secagem das roupas não é em relação ao espaço, pois se reparou que eles estendem as roupas lavadas em diversos cantos ao redor da casa, mas sim com o uso já que não possuem muitas peças para revezar, como conta Mariana, do Campo da Tuca: “É que a máquina de lavar eu quase não uso, só para centrifugar mesmo, ou quando tem muita roupa pra lavar”.

Em relação à louça, conforme os relatos, muitos afirmam lavar em seguida da refeição, sem deixar acumular. No entanto, em visita nos lares observou-se louça acumulada com água na pia em algumas casas, que elas acabaram justificando: “é para sair bem a gordura, mas que não chega a ficar de um dia para outro”, diz D. Vera, da Mathias Velho. Já D. Susana assume que deixa a louça de molho na bacia de água, para lavar a louça acumulada mais facilmente.

Além disso, espontaneamente, alguns pais entrevistados também manifestaram o “policiamento” dos filhos em relação ao consumo de recursos dentro de casa, como, por exemplo, o relato de D. Daiane (Mathias Velho): “Eu tô sempre lavando aqui, lavando ali... mas minha filha me xinga, diz que eu sou ‘meia’ gastadeira de água”. Esse ponto se reflete no que se pode chamar de educação reversa, ou seja, os filhos ensinando os pais.

O consumo de energia nas residências está relacionado ao conforto, ao lazer, à comunicação e à obtenção de algum bem de interesse pessoal, porém que demandam um investimento financeiro maior para sua aquisição (SCHAFER et al., 2010). O primeiro fator que podemos associar ao baixo nível de consumo de energia nas classes populares é a presença de poucos equipamentos nos lares, sobretudo aqueles que demandam um dispêndio maior do recurso, como climatizadores. Alguns itens como geladeira, fogão, televisão e rádio estavam

presentes em todos os lares pesquisados. Itens como máquina de lavar roupas, micro-ondas, freezer e ventilador foram raramente encontrados nos lares pesquisados, ao passo que ar condicionado e máquina de lavar louça são praticamente inexistentes (não encontrados em nenhum lar visitado).

Isso demonstra que ainda há um potencial alarmante a ser consumido relacionado ao desenvolvimento econômico desta classe, que com o aumento da renda, pode passar a adquirir mais eletrodomésticos e outros produtos e equipamentos que trazem maior conforto e lazer, porém que demandam maior gasto de energia. Os autores Schafer et al. (2010) chegaram a pesquisar a possibilidade dos consumidores brasileiros de média e baixa renda, com o desenvolvimento, saltarem do atual padrão de consumo para padrões de consumo conscientemente sustentáveis. Assume-se que este grupo social não é homogêneo e os resultados afirmam que eles buscam nas suas individualidades os objetos de consumo que caracterizam seus estilos de vida e seus grupos de pertencimento, porém sempre atrelados à tendência de consumo intenso de recursos. Assim, esta não é uma opção esperada naturalmente e os autores destacam que o grande desafio está em desenvolver uma visão atrativa do estilo de vida sustentável (SCHAFER et al., 2010).

Por fim, em relação aos desperdícios, há preocupação geral na busca a redução ao zero, motivada além da razão de limites econômicos, pois essa prática perpassa os princípios e estilo de vida que adotaram. A comida não pode sobrar. Se sobra, raramente é descartada no lixo, já que antes mesmo de estragar eles já repassam para vizinhos ou conhecidos na comunidade ou utilizam para alimentar os cachorros. Essa é uma característica comum; tem muito cachorro vira-lata pelas ruas da comunidade e algumas famílias os adotam para dentro dos lares ou dos ambientes como o galpão de reciclagem, a escola e outros locais da comunidade. Mesmo aqueles que não adotam deixam a comida na frente das casas para os cachorros de rua comerem.

Os restos de alimentos que sobram e não são aproveitados para alimentar os cachorros muitas vezes também são utilizados para a adubagem dos quintais. A única certeza que todos têm é de que “fora não vai!”, como afirma Rosângela, do Morro da Cruz. Essa prática sustentável de produção caseira de adubo natural para os quintais foi observada em diversos lares. O primeiro sinal desta prática foi encontrado em canteiro das ruas, em frente às casas, onde haviam cascas jogadas sobre a terra. No entanto, a prática não se restringe a isto e as técnicas variam: uns utilizam um recipiente de PET para colocar os restos e fazer devidamente a compostagem antes de jogar na terra; outros alternam uma camada de terra com uma camada de resíduos orgânicos; alguns cavam buracos na terra do jardim para colocar os resíduos; e outros simplesmente jogam diretamente sobre a terra alguns restos orgânicos. Os entrevistados explicam espontaneamente o processo de adubagem que praticam e mostravam nos lares as evidências da prática. Percebe-se que é algo do cotidiano deles, muitas vezes passado pelas gerações anteriores, e que conhecem e utilizam o vocabulário específico inclusive com palavras como “decomposição” e “compostagem”.

4.1.3 - Reutilização

As práticas de reutilização de produtos, materiais e embalagens são comuns em todas as comunidades pesquisadas, e o consumidor de classes populares valoriza muito o reaproveitamento destes itens para diversas novas utilidades. A resposta espontânea e imediata quando os entrevistados foram questionados sobre reutilizar ou reaproveitar algo que teria como destino o lixo é “não, nada”. No entanto, explorando melhor a questão no diálogo, aos poucos todos foram manifestando naturalmente alguns exemplos de coisas que reaproveitam, muitas vezes sem sequer perceber. Isto ocorre porque para eles o destino natural daqueles itens não seria o lixo, mas sim uma nova função.

Esses reaproveitamentos de embalagens que iriam para o lixo foram constatados inicialmente através de pesquisa observatória e então incluídos no diálogo da entrevista, como, por exemplo, “copos” de vidro, de extrato de tomate ou de requeijão, reutilizados no escorredor e garrafas PET com água nas geladeiras de quase todas as casas ou ainda embaixo da pia para diluir produtos de limpeza. Outros recipientes também são reutilizados para novas funções após o consumo do produto, como potes de geleias, natas e outros produtos. Essa prática de reutilizar embalagens é considerada um consumo sustentável, reduzindo o lixo gerado e reaproveitando para um novo uso aquilo que originalmente seria descartado (DOBSCHA et al., 2009). Nos quintais é comum reaproveitar as embalagens e potes de produtos consumidos para vasos de plantas o que reduz a quantidade de lixo. Os potes reutilizados ainda ajudam a verticalizar o quintal ficando pendurados em muros.

Alguns também utilizam a criatividade em artesanatos e oficinas para transformar o que inicialmente seria “lixo”, agregando valor para o produto e praticando a reutilização. Essa prática de reaproveitar materiais para atividades de artesanato faz parte do cotidiano de muitos dos entrevistados e foi encontrada em todas as comunidades, manifestada em cinco formatos diferentes: grupos que se reúnem na igreja; grupos de pais e atividades com alunos nas escolas; oficinas de artesanato nos galpões de reciclagem; oficinas independentes organizadas por lideranças e ações individuais realizadas como atividade de lazer dos entrevistados.

O reaproveitamento de materiais para essa prática de atividades manuais gera novo valor para os itens. Foram encontrados diversos itens, que vão desde roupas até poltronas, e todos feitos de materiais reaproveitados e reciclados. Alguns insumos são originados na separação do lixo seco nas casas ou nos galpões de reciclagem e outros são provenientes de doações, como no caso dos tecidos. São muitos produtos diferentes e todos feitos à mão, produzidos ou reformados, artigos como: bolsas feitas de guarda-chuvas estragados, vestidos de sacos de batatas ou cebola, vestidos bordados com anéis de lata de refrigerantes, muitas blusas e roupas feitas de retalhos de malhas e restos de tecidos recebidos em doação, flanelas também de restos de tecidos, artigos de decoração para a casa, bancos e poltronas feitos de garrafa PET e forrados com os restos de tecido trabalhado, almofadas e outros diversos itens.

Também foi observado o uso de crochê e costura para decorar objetos da casa, como toalhas de mesa, cortinas, panos de prado e “capas” para potes de geleia ou garrafas PET reaproveitados. Em observatória, notou-se que é frequente o uso de “fixadores de porta”, aqueles pesos que servem para manter as portas abertas sem que fechem com o vento. Esses pesos normalmente são feitos por eles mesmo com algum envoltório de malha ou sacos plásticos “recheados” de areia. Essa prática é comum, pois eles têm o hábito de deixar portas e janelas abertas, sobretudo nos finais de semana, como também apontou a pesquisa de Castilhos (2007).

A partir destas constatações artísticas encontradas na pesquisa é possível fazer um paralelo com o trabalho de Vik Muniz (Vicente José de Oliveira Muniz), artista plástico reconhecido pela arte com o lixo. O artista explorou a criatividade junto ao cenário de um aterro no Brasil, realidade em que vivem muitos catadores, e lançou uma proposta inovadora na qual o valor que é agregado ao que inicialmente parece não ser mais útil. O trabalho de Vik Muniz resultou em um documentário (Lixo Extraordinário, 2009) e ganhou projeção internacional, hoje sendo um dos principais artistas que promove o reaproveitamento de materiais que foram descartados em uma transformação através da arte.

O interessante é que essas práticas de consumo sustentável através da arte estão naturalmente presentes dentro das comunidades estudadas, seja através das oficinas ou de ações individuais. A criatividade focada no reaproveitamento de materiais que *a priori* estavam sendo considerados descartáveis é a essência da ação que gera um novo valor para aquele item, ao invés de destiná-lo ao descarte. Na verdade, se houvesse mais incentivo externo que auxiliasse essas “oficinas de criatividade” a divulgar os trabalhos das artistas/artesãs e organizasse feiras que promovessem a exposição e venda dos produtos, a prática seria ainda mais sustentável, pois iria ajudar a manter a renda social dessas famílias através desses trabalhos que hoje são parte do lazer e distração das praticantes.

4.1.4 - Redistribuição

Essa foi a prática mais presente no cotidiano das comunidades pesquisadas e manifestada de alguma forma em todos os lares visitados. O hábito de redestinar itens usados é comum nas classes populares; roupas, sobretudo infantis, foram os itens mais relatados no repasse para amigos, parentes e principalmente para os vizinhos na comunidade. Móveis e equipamentos domésticos também apareceram com a prática da redistribuição. Em unanimidade os entrevistados afirmaram que não descartam nenhum item, que “aqui, nada se perde” e que sempre redestina os itens para os vizinhos e familiares ou transformam seu uso para uma nova função, gerando um novo valor e reutilizando materiais, produtos e embalagens como prática cotidiana, muitas vezes potencializada pelas oficinas de artesanato.

A redistribuição de móveis, utensílios domésticos e roupas é comum e vai além do fator econômico, pois o pensamento cultural que rege é “se eu não preciso mais, certamente alguém vai aproveitar”. Novamente, assim como nas práticas de reutilização, o descarte definitivamente não é a primeira opção dos consumidores das

classes populares, e a alternativa pode ser repassar objetos para outras pessoas na comunidade. Os entrevistados afirmam que aproveitam muitos aparelhos e equipamentos, além de móveis e utensílios, que foram usados anteriormente por outras pessoas. Para eles o valor do equipamento é o mesmo de um item novo e não se incomodam de reutilizar. Normalmente esses itens são repassados por vizinhos, por entidades ou pela rede de relacionamentos dos entrevistados, que relataram também receber doações de itens usados de seus empregadores. A pesquisa de Schafer et al. (2010) também constata que nas classes populares é significativamente mais comum a aquisição de equipamentos usados do que nas classes média e alta ao invés de itens novos.

Quando os entrevistados foram questionados sobre o que faziam com os itens que “não queriam mais” majoritariamente responderam: “passo para o meu vizinho”. Essa prática não se restringe apenas a equipamentos, mas também móveis e, sobretudo roupas dos filhos. Essa redistribuição (DOBSCHA et al., 2009) não gera mudança na matéria, reciclagem e nem descarte, o que muda é simplesmente o usuário que reaproveita os itens previamente usados.

Essas trocas que refletem a prática da redistribuição (DOBSCHA et al., 2009) de itens usados também foram encontradas nas escolas das comunidades Mathias Velho e Campo da Tuca, que possuem arrecadação de brinquedos e livros durante o ano todo, na campanha que chamam de “troca-troca” e distribuem no início do ano letivo para os alunos. Nas escolas também solicitam que os alunos devolvam os uniformes antigos ou que não servem mais para repassarem para os novos entrantes ou para outras crianças que cresceram e precisam de um novo número.

4.1.5 - Conserto

Outro hábito identificado nas comunidades de classes populares estudadas foram os consertos, que envolvem a interação social da “vizinhança” e manifestam consumo cotidiano sustentável. É comum vizinhos contribuírem uns com os outros com consertos de objetos e reformas, cada um aproveitando suas melhores habilidades para ajudar os demais. Novamente, ressalta-se que esta prática não é solidária, mas sim recíproca, em uma troca harmônica de favores que beneficiam ambas as partes.

Nas comunidades muitos homens trabalham em funções como pedreiros, marceneiros e eletricitas, podendo ajudar a família e os vizinhos na construção de muros, instalação de equipamentos e fiação, montagem de coisas de madeira e outras necessidades. O conserto de objetos usados para a reutilização também apareceu na pesquisa, porém mais comum nos galpões de reciclagem, sobretudo entre os homens. Percebe-se que no geral eles possuem pouco conhecimento específico, mas muita criatividade para resolver as situações e principalmente predisposição para tentar consertar antes de descartar.

A criatividade e a busca por soluções que consertem e arrumem as coisas é um ponto que remete ao valor que eles dão aos bens e é uma prática sustentável (DOBSCHA et al., 2009), visto que vai contra o descarte e reduz o consumo. A motivação para o conserto também decorre do esforço que tiveram para conquistar e adquirir cada objeto, e com isso o costume de consertar ao invés de descartar é notável e habitual no cotidiano dos entrevistados. Então, de forma geral, acabam não optando pela conveniência da nova aquisição sem antes tentar consertá-lo, ou pedir que um vizinho, amigo ou parente mais habilidoso o faça.

4.1.6 - Reciclagem

A reciclagem, por sua vez, aparece como elemento fundamental nas diferentes comunidades, já que se configura como importante fonte de renda para muitos moradores. Os hábitos cotidianos em relação à separação do lixo foram amplamente explorados junto aos entrevistados. Em alguns bairros existe a coleta seletiva e em outros não, porém em todos os lares havia algum tipo de separação. A noção do destino do lixo e o valor que pode gerar para outras pessoas é o que motiva a agirem com essa consciência sustentável, na qual a prática é influenciada pelo senso coletivo dentro da comunidade.

Em algumas comunidades, por possuírem um galpão de reciclagem no bairro, os moradores conhecem melhor as regras da separação do lixo e utilizam o vocabulário de separação naturalmente. Nessas comunidades, muitos receberam a informação pelo contato direto ou indireto que já tiveram no galpão. Os galpões são fonte de renda dentro da comunidade e muito consideram como uma opção de um primeiro trabalho honesto, notando-se que a maioria dos trabalhadores são jovens. Esses galpões normalmente possuem uma forte liderança com influência dentro da comunidade, como foi o caso da entrevistada Rosângela, que dirige o galpão de reciclagem do Campo da Tuca, possui voz de liderança na comunidade e é responsável por uma luta de anos para que o galpão cresça e seja cada vez melhor para proporcionar trabalho “árido e pesado, é verdade, mas digno”. Essas lideranças são referências, pois organizam as necessidades da maioria e ajudam a solucionar problemas de todos, mesmo quando o assunto não envolve diretamente suas atividades.

Nas comunidades em que não há galpão de reciclagem ou coleta seletiva foram encontradas práticas espontâneas e independentes de separação, e mais uma vez aparece o senso de coletivo e a reciprocidade, até mesmo com aqueles que podem não ser tão próximos, como é o caso dos catadores. Geralmente, nesses lares eles acreditam não realizar a separação do lixo e alegam inicialmente colocar tudo no mesmo descarte. No entanto, ao explorar a pergunta da separação e através de pesquisa observatória, verificou-se que eles possuem um hábito comum de separar todos os plásticos PET, os papelões e vidros, itens que não são colocados no lixo orgânico.

A prática de deixar garrafas PET penduradas nas grades de suas casas, sacolinha com papelões e outras com vidros separados é estimulada pela consideração com os vizinhos que recolhem para vender nos galpões de reciclagem ou para os catadores que passam juntando nos portões. É o caso de Dona Irene que afirma: “Ponho

tudo no mesmo lixo”, e depois completa: “ah, eu junto todas as garrafas de plástico pra minha vizinha que recolhe de nós todos, alguns materiais de plástico assim tipo frasco de shampoo também... coloco em uma sacola separada os papelões pro carroceiro como sei que ele já pega só isso, então facilita pra ele. Os lixeiros nem levam porque já sabem que é para os carroceiros.” E ainda observou-se no portão uma outra sacolinha com vidros.

Além disso, um ponto interessante encontrado na pesquisa foi a educação ambiental para as crianças nas escolas das comunidades, nas quais existe um trabalho que acaba sendo transmitido pelas crianças aos pais em uma educação reversa. O resultado da educação reversa foi manifestado espontaneamente no diálogo das mães entrevistadas. Nota-se que a educação sobre a separação é um tema presente na pauta de todas as escolas públicas infantis visitadas nas comunidades. Os diretores das escolas visitadas afirmaram que a prática da separação do lixo é ensinada em todos os níveis desde os primários. As escolas possuem lixeiras de dois tipos (seco e orgânico) em todas as salas e no pátio. Cartazes com orientações sobre a separação de dejetos e latas de lixo com diferenciação por cores também são práticas proporcionadas pelo ensino.

Na comunidade Mathias Velho o diretor Jair acredita que as crianças “acabam levando da escola para dentro de casa”. No Campo da Tuca a escola está em constante parceria com Rosângela e com o galpão de reciclagem, até pela proximidade dos dois ambientes. O professor Fábio, da escola Campo da Tuca, relata que trabalham com projetos de reciclagem com as crianças: “Tá em alta a reciclagem, aqui a gente trabalha bastante isso com as crianças”. Nesta escola tem o projeto ‘Reciclagem para todos’ que serve para ajudar tanto os professores quanto os alunos a separar. E muitos pais entrevistados afirmaram espontaneamente que os filhos aprendem a separação na escola e acabam “vigiando” os lixos de casa e corrigindo os pais quando algum descarte foi colocado no destino errado.

Por fim, a informação e, acima de tudo, a consciência no momento do descarte dentro dos lares é fundamental para contribuir para a eficiência na separação. O lixo que viaja até os galpões é fonte de renda para os catadores que trabalham no processo da reciclagem e muitas vezes a preguiça e o descaso dos consumidores compromete o aproveitamento dos produtos na reciclagem. Dentro dos lares das comunidades, pela proximidade com o público que depende deste processo, a consciência na separação é grande, até mesmo aonde não há coleta seletiva.

4.2 - Compartilhamento e Multiplicação

Além das práticas de consumo sustentável que se enquadram na pirâmide invertida da sustentabilidade, outras duas categorias foram identificadas no cotidiano das comunidades de classes populares pesquisadas: o compartilhamento e a multiplicação.

O compartilhamento da máquina de lavar e de outros equipamentos, entre casas próximas, é comum e natural para os entrevistados. Esta prática ocorre sobretudo nas residências nas quais no mesmo terreno é construída mais de uma casa. Normalmente, o terreno e a casa da frente (original) pertencem aos pais, enquanto as casas “dos fundos” foram sendo construídas para os filhos e seus cônjuges, criando como se fosse um “complexo” de casas da família. Essa disposição habitacional foi encontrada em diferentes comunidades, mas é importante ressaltar que, apesar da proximidade, as famílias pesquisadas com esse estilo de moradia procuram manter as suas individualidades dentro de seus lares e cada casa tem suas particularidades.

As caronas também são reflexos de compartilhamento em hábito que é proporcionado por este coletivismo existente nas comunidades. Aqueles que utilizam o carro para o trabalho, também acabam ajudando os vizinhos e familiares, levando-os ou deixando-os em uma parte do caminho para pegar uma condução melhor. Dentro da família e na vizinhança, os que possuem carro também têm o papel de ajudar os mais próximos para carregar ou transportar alguma coisa pesada e geralmente nas compras do mês.

No âmbito da produção compartilhada, foi encontrado o hábito do cultivo de hortas comunitárias produzidas muitas vezes com carochos secos de alimentos já consumidos. As hortas são comuns em escolas, posto de saúde e nas casas, nas quais ele costumam cultivar chás, frutas, verduras, flores e outras plantas. Nas escolas identificou-se um trabalho de educação e integração familiar, com, por exemplo, o Sopão realizado na comunidade Mathias Velho para as crianças e suas famílias com os legumes plantados e cuidados por eles. Esta prática também faz parte da pauta da escola, que realiza atividades com espantalho, nome das ervas e outros tópicos de educação do hábito. O interessante é que todos esses hábitos de cultivar plantas, frutas e verduras em compartilhamento não têm fins lucrativos e servem unicamente para consumo próprio ou da comunidade. É um cultivo saudável e natural, pois não utiliza agrotóxicos e no caso dos centros públicos também tem o papel educativo. Evidente que este hábito não gera uma subsistência que elimine a aquisição e o consumo destes produtos, mas auxilia na redução da compra e melhora a qualidade de vida destas pessoas, uma vez que desta maneira possuem acesso a produtos de boa qualidade com custo muito reduzido.

Por fim, a multiplicação de hábitos cotidianos de consumo sustentável também foi identificada nas comunidades, ou seja, a prática de reproduzir, ensinar e incentivar vizinhos e familiares a adotarem algumas práticas. A relação de confiança é extremamente valiosa e permite uma troca de favores recíproca, sem cobranças ou comprometimentos formais, com ganhos para todos. Nela cria-se uma rede, na qual uns conhecem e interagem com os outros, e as famílias se reúnem e misturam-se. A confiança entre as famílias, por exemplo, se reflete naquelas mães que trabalham e possuem filhos pequenos e que muitas vezes deixam suas crianças com as vizinhas que ficam em casa. As casas também não possuem muita divisória e proteção, e observa-se que os muros e grades geralmente são baixos, não havendo uma preocupação significativa com a proteção interna do lar, o que Castilhos (2007) também evidenciou em sua pesquisa.

A partir das respostas espontâneas e naturais dos diálogos da pesquisa, também ficou evidente que a preocupação e, acima de tudo, a colaboração com os vizinhos é um forte valor nas comunidades. Para eles, os vizinhos são mais do que amigos; são considerados parte de suas famílias e suas casas representam a extensão de seus ‘pátios’. O senso de coletivismo, no qual uns pensam em colaborar com os outros, resulta numa proximidade muito além da geográfica, uma proximidade de confiança.

É um hábito comum os vizinhos, amigos e familiares se passarem ‘dicas’ sobre suas práticas e trocarem opiniões. O uso dos potes pequenos para cultivar mudas de plantas, por exemplo, foi uma prática identificada para mobilidade de mudas que repassam entre os vizinhos. Essa prática não se enquadraria na pirâmide invertida de sustentabilidade (DOBSCHA et al., 2009), pois não se trata apenas de uma redistribuição, mas sim, engloba a educação do hábito, a multiplicação da prática. É uma troca de conhecimento, na qual a informação que proporciona a sustentabilidade é disseminada entre os moradores.

5 – Conclusões

A partir deste estudo, que analisa e interpreta as práticas evidenciadas no contexto social selecionado, percebe-se que o consumidor de classes populares consome de forma sustentável em diversas ações cotidianas e, curiosamente, não é motivado exclusivamente pelo fator econômico.

Identifica-se que, realmente, muitas práticas são reflexo do fator financeiro, o qual influencia em escolhas que resultem em economia, aproveitamento e renda. A recusa, por exemplo, que apareceu na prática de optarem por se deslocar a pé ou de bicicleta ao invés de transporte para locomoção e no hábito da não utilização de aparelhos domésticos de maior gasto energético (como climatizadores de ar), apresenta práticas que possuem maior volatilidade de mudança uma vez que as condições financeiras evoluam. O compartilhamento de um mesmo equipamento entre famílias, como no caso da máquina de lavar, que é facilitado pelo costume de dividir um terreno com vários núcleos familiares por construções que partem da casa principal dos pais e vão se estendendo para os fundos, também seria mais vulnerável ao fator econômico.

Porém, foram encontradas algumas práticas que mostram como o coletivismo e a cultura social das comunidades influenciam e motivam parte dos hábitos sustentáveis cotidianos dos lares pesquisados, independentemente do fator econômico, que, nestes casos não é o centro motivacional. Exemplos destas práticas, que não possuem grande volatilidade em relação ao parâmetro financeiro deste consumidor são: a relação do público pesquisado com os quintais na utilização de adubo natural para o cultivo de uma diversidade de plantas; as mudas que repassam dentro da rede social (vizinhos) contribuindo para multiplicar o hábito; a separação de alguns itens do lixo seco (garrafas PET, papelão, vidros...) mesmo quando não há coleta seletiva; a transformação e reaproveitamento de itens e objetos para a casa através de artesanatos; a redistribuição de

objetos e roupas dentro da rede social; e a redução de desperdícios que são inaceitáveis para o público estudado. A reciprocidade explicitada nas trocas de favores (SCHAFER et al, 2010; BARROS, 2007; CASTILHOS, 2007), característica que influencia diversas práticas nesse contexto social, também não está necessariamente atrelada ao fator econômico, já que na maioria das vezes é direcionada pela confiança mútua que há na rede social.

Por fim, a principal contribuição desse estudo reside na compreensão de práticas sustentáveis independente da visão normativa imposta pelos macrodiscursos. Ao compreender a natureza socialmente orgânica dessas práticas, abre-se o caminho para pensar possibilidades de sustentabilidade menos normativas e mais próximas ao cotidiano das pessoas.

Referências Bibliográficas

- ARNOULD, E. J.; THOMPSON, C. J. Consumer Culture Theory (CCT): Twenty Years of Research. *Journal of Consumer Research*, v. 3, p. 868-882, Mar 2005.
- BARROS, C. *Consumo, hierarquia de mediação: As dimensões culturais do consumo em um grupo de empregadas domésticas*. Dissertação de mestrado Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.
- CASTILHOS, R. B. *Subindo o morro: consumo, posição social e distinção entre famílias de classes populares*. Dissertação (Mestrado em Administração) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.
- CASTILHOS, R. B.; GORGE, H. Nuances of Cooperation and Competition among Lower-Class Consumers. *NA - Advances in Consumer Research* (forthcoming), 2014.
- CONNOLLY, J.; PROTHERO, A. Sustainable Consumption: Consumption, Consumers and the Commodity Discourse. *Consumption, Markets and Culture*, p. 275-291, 2003
- DA SILVA et al. *Segmentação da baixa renda baseado no orçamento familiar*. Administração de Marketing, 2009
- DOBSCHA, S.; PROTHERO, A.; MCDONAGH, P. (Re)thinking distribution strategy: principles from sustainability. *Marketing Management: A Cultural Perspective*, p. 461- 474, 2009
- GER, G.; FONSECA, M. J. *Sustainable Consumption at Home?* In.: Global Research Forum on Sustainable Consumption and Production Workshop, 13-15 Jun 2012, Rio de Janeiro, Brazil
- GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; DA SILVA, A. B. *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos*. 2ed., São Paulo: Saraiva, 2006
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira, v. 27, 2010
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, Censo demográfico e socio-econômico, 2012
- LEVY, S. Interpreting consumer mythology: a structural approach to consumer behavior. *Journal of Marketing*. v. 45, p. 49-61, 1981
- MATOSO, C. *Identidade, inserção social e acesso a serviços financeiros: um estudo na favela da Rocinha*. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto COPPEAD de Administração. Rio de Janeiro, 2005(a).
- MCCRACKEN, G. Culture and consumption: A theoretical account of the structure and movement of the cultural meaning of the goods. *Journal of Consumer Research*, v. 13, June 1986.
- NERI, M. C. *A nova classe média*. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, 2008

- PORTWOOD-STACER, L. Anti-consumption as tactical resistance: Anarchists, subculture and activist strategy. *Journal of Consumer Culture*, v. 12(1), p. 87-105, 2012.
- PROTHERO, A.; MCDONAGH, P.; DOBSCHA, S. Is Green the New Black? Reflections on a Green Commodity Discourse. *Journal of Macromarketing*, v. 30(2), p. 147-159, 2010.
- ROCHA, A.; ROCHA, E. Paradigma interpretativo nos estudo de consumo: retrospectiva, reflexões e uma agenda de pesquisas para o Brasil. *Revista R.A.E. – Revista de Administração de Empresas*, v. 47, p. 71 – 80, Jan/Mar, 2007.
- SECRETARIA DE ASSUNTOS ESTRATÉGICOS (SAE) – Comissão para denifinção da Classe Média no Brasil. Brasília: 2009.
- SCHÄFER, M.; JAEGER-ERBEN, M.; DOS SANTOS, A. Leapfrogging to Sustainable Consumption? An Explorative Survey of Consumption Habits and Orientations in Southern Brasil. *Journal of Consumer Policy*, v.34, p. 175-196, 2011
- VALOR ECONÔMICO Disponível em <http://www.valor.com.br/brasil/2682174/nova-definicao-da-classe-media-abrange-54-da-populacao-brasileira> Acesso em 19 mar 2013.